Anno II — Sabbado, 5 de Outubro de 1889 — Numero 12

A LUVA

PUBLICAÇÃO MENSAL DO CONGRESSO BRAZILEIRO

POR INICIATIVA DE ALGUNS SOCIOS

A LUVA

MULHERES QUE CHORAM

Corte, 5 de Outubro.

Não é, cumpre declarar, das mulheres que, assaltadas por um profundo pezar, choram, procurando applacar a dôr que lhes sóbe do maguado coração com o balsamo sacratissimo das lagrimas que lhes descem dos bellos e martyrisados olhos; não, não éd'essas; o seu pranto é sincero, é justo, é doloroso; deve, portanto, ser respeitado: queremos é fallar d'aquellas que choram sem motivo justificavel; que para realizarem um capricho qualquer, fazem-n'o abusivamente; referimo-n'os as... choramingas.

Já estamos d'aqui a ouvir o protesto que as leitoras levantam contra o qualificativo, mas... paciencia; é o unico adequado.

As mulheres sabem perfeitamente o valor que tem cada uma das suas lagrimas: é por isso que, quando querem vencer, recorrem a ellas, como a um argumento infallivel, prejudicando muitas vezes a si, a suas familias, e quem sabe se a mais alguem...

Ainda se a lucta em que se empenham é util, generosa e nobre, vá! empreguem esse terrivel e bello gladio adamantino, que ninguem lhes levará a mal o uso que fizerem d'elle; mas se não é, o que quasi sempre succede, então,— adeus graça e encantos femininos! — desapparece a mulher chorosa, isto é, a mulher que fascina, para dar logar á mulher chorona, isto é, o cumulo do ridiculo.

Basta um exemplo, aliás communissimo, para dar idéa do quanto são incommodativos os entes d'esta especie, estragados geralmente por excesso de mal entendido mimo.

Um pobre homem, ás vezes, já tem o ordenado dividido, afim de pagar a quem deve, quando lhe surge em casa um convite para o baile de Fulano, ou na *Gazeta* o annuncio de uma festa. Quasi sempre é a filha, a Loló, quem lh'os vae mostrar. O pai, que conhece o genio da menina, coça a cabeça, resmunga, e afinal:

— A occasião é tão má...

— Eu logo vi, diz a filha n'um adoravel amúo, é sempre assim!

— Mas, Loló...

— Todas vão, só eu que é que não vou! E atira-se para o sofá, desata a chorar, bate com o pésinho no chão, e corre, e fecha-se no quarto, e não sahe senão quando o pai, de quem ella é a menina dos olhos, não podendo enternecido, vêr os olhos da menina rasos d'agua, e receiando-lhe o nervoso (muitas, além de tudo, têm barulhentos ataques) aperta-se e faz-lhe a vontade.

O que resulta d'ahi?

E' ficar um dos cre'ores sem o cobre, o pai contrariado e a filha mal acostumada

Isto infelizmente repete-se com frequencia, talvez por falta... de choques electricos.

Convem notar que não é nossa intenção dizer que ellas não se divirtam ou que não tentem obter o que aspiram; o que censuramos é simplesmente o modo porque sem encararem as suas circumstancias, exigem muitas vezes o que não devem, affligindo assim aquelles que não podem dar ou fazer o que ellas desejam.

Si acontece a casar-se uma destas moças, que leva para o casal? qual o prestimo que tem? Apenas isto: — pedir e chorar.

Não é esta, crêmos, a melhor norma de conducta. A mulher deve considerar, conhecer a sua vida e pedir sómente aquillo que estiver ao seu alcance, porque não ha nada mais feio nem mais risivel do que uma joven bonita, intelligente e prendada, por dá cá aquella palha, rebentar num pranto de choro, como se fôra uma creança.

O papel que a mulher representa na collectividade é o mais elevado possivel; ella é um dos factores mais importantes, senão o primeiro, do aperfeiçoamento moral da humanidade; deve, portanto, corrigir-se afim de impôr sempre o devido respeito e jamais ser causa de zombaria.

Se tivessemos de inflingir castigo ás que possuem tão abominavel sestro, como o de que tratamos, só encontrariamos um: — é que ellas ouvissem sempre, continuamente, por toda a parte, n'uma monotonia de agua a pingar em lata, um geniosito a clamar: — Choramingas... choramingas... choramingas...

AS TUAS LAGRIMAS

Não sei porque... mas tal encanto eu acho
Em teu rosto de lagrimas rociado,
Que julgo vêr um céo niveo-rosado,
Por onde rolam sóes de argenteo facho.

Até vontade tenho, quando baixo
Te escuto soluçar, lyrio orvalhado,
Que sempre assim te visse: o olhar pisado,
A coma livre n'um sidereo cacho...

Ficas mais linda assim, mais feiticeira...
Esse quê de tristeza, essa maneira
Terna de olhar... tudo isso me arrebata!

Mas... cada ardente aljofar de teu pranto
Queima-me o seio, como um fogo santo,
E me inquieta, e me affige, e me maltrata!

Affonso Mello.

FRAGMENTOS

A FRICINAL VASSICO

. . . . . .

E Margadira, as pequeninas mãos comprimindo o seio virginal, vio por entre lagrimas desapparecer o barco

que levava, talvez para sempre, o seu querido Jovir.

. . . . . .

N'outro dia o porto era deserto. Um velhinho, coberto de andrajos, para alli se dirigia. Curvado pelos annos, pela miseria, ia elle, o pobresinho, como que procurar n'aquelle retiro, longe dos homens, lenitivo a tantas maguas e dôres. Subito ajoelha-se entre as musgosas pedras da praia e colhe, levando aos labios, uma pedrinha que entre ellas brilhava.

. . . . . .

De Margadira a lagrima vertida por Jovir, transformada em perola, que o pobresinho beijára, foi o lenitivo que alli, n'aquelle deserto, elle encontrou para mitigar-lhe tantas maguas e dores.

RAUL.

DESCRENÇA

Crestadas por um sol mais rubro e forte,
Batendo-as o furor da ventania,
Seguindo a lei do tempo, a lei da sorte,
As folhas vão tombando noite e dia...

E não tarda que o tempo tambem córte
A planta, que foi grande e foi sombria,
Pois voando p'ra o Sul e para o Norte,
As folhas vão fugindo noite e dia...

Assim foram, tambem assim voaram
Os gosos divinaes que me embalaram;
Mas aos galhos da planta outros rebentos

Alegres voltarão co'a primavera,
E meu peito, batido de tormentos,
Nem mais uma illusão de amor espera!...

LAURO.

MINHAS VIOLETAS

E' veridica e simples esta historia.

Móro em uma casinha rodeada de flores: é o meu Eden.

A musica encanta-me, prende-me horas a escutal-a; e os sons harmonicos e melodiosos que me enlevam os ouvidos, são um fallar de anjos, que dulcificam o verdor dos meus annos. Após a musica — as flores, e principalmente o meu querido canteiro de violetas...

Era em uma tarde chuvosa e fria.

A musica não possuia já o poder de encantar-me.

Estava triste e pensativa.

Ouvia o cahir surdo e monotono das gottas da chuva, que, impellida pelo vento, antolhava-se á minha imaginação em finissimas e innumeras flechas a cruzarem-se no ambiente, e a despenharem-se na terra.

Receei que as minhas violetas não resistissem á inclemencia do tempo, e fui vêl-as da janella do meu quarto. No dia antecedente o sol quasi as crestara. Pensei que a chuva as vivificasse, e nutria a esperança de que as florinhas que tanto amava, que estremecia pelo perfume que derramavam em meu quarto, e pela alegria que entornavam em meu coração, se animassem rutillantes de viço.

Não aconteceu assim. A chuva fel-as pender, beijar timidamente o chão, e dir-se-hia que o meu canteiro transformara-se em pequenino lago.

Anoiteceu.

No dia immediato rompeu a formosa manhã um sol ridente a embellezar os meus jasmins e as minhas violetas: corri a erguel-as. Em seguida tudo se transformou: as minhas maguas desappareceram, eu ouvia com alegria o trinar dos passarinhos, e até da musica que dedilhava ao piano me parecia sahirem accórdes de melodia ignota.

Uma só cousa me entristecia o coração. Era que as violetas amadas, que com tanto cuidado tratava, tinham vida ephemera, porque meu irmão tão máosinho era, que ceifava todos dias uma pequena porção, para lhe enaltecer o peito.

MARIA LUIZA DE LEMOS.

CASTALIA

Essa das musas filha estremecida,
Era das nymphas todas a mais pura;
Em sua alma aninhava-se a candura,
Doirando-lhe o porvir da alegre vida.

Disputavam os deuses a ventura,
A dadiva gracil e appetecida
D'um doce olhar d'essa mulher querida,
D'um só olhar da linda creatura.

Amou-a Appolo c'um amor sincero.
Mas, possuido do zelo de Cerbéro,
Um dia teve um pensamento ideal;

Transformou-a na fonte esmeraldina,
Onde elle, amante, a inspiração divina
Bebe em ondas de liquido crystal!

FRANCISCO SILVA.

HYPOTHESES

O Dr. Eugenio Camara formára-se em S. Paulo ha dois annos e viera para a Côrte abrir sua banca de advogado; em politica era republicano de convicção e muito extremado em suas idéas.

Rapaz verdadeiramente *chic*, trajava com elegancia e era tido por todos como moço sympathico; reputação com que aliás, elle pouco se importava

Como não tinha familia na Côrte, tomára um aposento na rua do Riachuelo para sua moradia.

Mesmo defronte, residia o Sr. Amaral, funccionario publico, creio que chefe de uma secção do thesouro Nacional.

O Sr. Amaral *não gostava* de politica.

Aconteceu diversas vezes tomarem o mesmo bond para a cidade; estes encontros tornaram-se frequentes, e em breve existia entre os dois uma mutua sympathia, a que logo se seguio uma amizade sincera. Era casado o Sr. Amaral e tinha dois filhos; um rapaz de dezenove a vinte annos, segundo annista de medicina e uma menina de dezesete primaveras.

Não se póde dizer que Zizinha fosse bonita, mas o seu porte elegante, o olhar buliçoso e o negrume de seus cabellos, davam-lhe uma tal ou qual superioridade sobre as outras moças suas amigas.

O doutor pouco se preoccupava com moças, porque o tempo era pouco para as suas causas, appellações, embargos e principalmente para a sua politica; discutia os actos do governo, aproveitando sempre a occasião para atacar a monarchia.

A visinhança começou a murmurar que Zizinha fizera o Dr. Eugenio esquecer um pouco as suas causas, fazendo-o assim lembrar-se mais das moças; emfim, que entre os dois havia qualquer cousa que cheirava a namoro.

Isto chegou aos ouvidos do velho Amaral, que vendo no advogado um bom noivo para a filha, convidou-o varias vezes para ir á sua casa, convite este que levou muito tempo a ser acceito.

As murmurações cresciam; todas as vezes que o doutor chegava á janella, diziam que Zizinha já o esperava e que no simples comprimento de cabeça que trocavam de manhã, havia um que de familiaridade que só se nota entre namorados; emfim, tomaram tal vulto que o Sr. Amaral, esperava a todo o momento o pedido formal da mão de sua filha.

•

E' domingo. Zizinha toca piano e o Sr. Amaral ouve as queixas que sua

mulher lhe faz da creada; o estudante fôra as corridas.

Batem á porta e o dono da casa vai abril-a, ficando admirado e satisfeito de receber a visita do Dr. Eugenio, que vem de preto e solemne como para as occasiões unicas da vida.

Cala-se o piano e depois de terem conversado sobre futilidades o doutor apruma-se na cadeira e com a voz pausada dirigi-se ao velho Amaral:

— Caro amigo, venho fazer-lhe um pedido e espero firmado na sua extrema bondade que não será baldada a minha pretenção.

Zizinha, julgando interpretar o desejo do advogado, retira-se da sala com sua mãi a pretexto de dar umas ordens, porém, fica do outro lado da porta com o ouvido collocado ao buraco da fechadura para saber qual é o pedido do Dr. Eugenio, que com a mesma voz pausada conclue n'estes termos:

— Sou candidato á proxima eleição geral e conto com o seu voto!...

AULOSIL.

A BOCCA DO MUNDO

Tu tens razão, Josina, minha amada;
O mundo é mau, de tudo elle critica,
E, para buzinar o que mal fica,
Tem sempre a grande bocca escancarada.

A censura, porém, não vale nada,
Se á virtude a intenção se identifica.
Porque a apparencia a féz não justifica
Pela bocca do mundo derramada.

Além d'isso, ha censuras por gracejo,
Na faina de que o mal nunca se cale,
Forjando-se a calumnia para ensejo.

Gosemos dos encantos d'este valle,
E se ouvires dizer que eu dei-te um beijo,
Não te importes, meu bem, que o mundo falle.

REYNALDO DANTAS.

NICOTA

Á EXMA. SRA. D. MARIA LUIZA DE LEMOS

Da sua florea existencia, Nicota naquelle dia completava as seis primaveras, cheias de muita alegria, cheias de muita chimera. Era a plena florescencia do almo rosicler da vida — vida tão doce e serena que inda não fôra ferida pela sombra de uma pena.

— Minha querida Nicota, disse-lhe o pae sorridente; hoje fazes os teus annos, e eu quero dar-te um presente; mas que não me faça damnos, filha perdularia!... Nota: queres aquella boneca que tu vistes no Gustavo... aquella por quem se pecca e de quem se fica escravo?... Ou quererás, por acaso, uma joia muito fina, dessas que tornam formosa qualquer feia menina ou qualquer velha horrorosa?...

Nicota, com o olhar gaso, naquella escolha pensava. E' que tanta cousa linda aos seus olhos se postava, que não se resolvera ainda.

— A boneca é tão bonita!... parece-se com a priminha, e até parece que falla! Ah! que se ella fosse minha, muito havia de amal-a!... Porém, a joia, catita deve fazer-me de certo. Como vae morrer de inveja a Dina que mora perto da sachristia da egreja!...

Assim pensava o ligeiro espirito da creança, quando um puro sentimento lhe veio ter á lembrança: — Naquelle mesmo momento, n'um sombrio pardieiro, chorava pobre viuva a sua infinita desgraça: Os filhos, ao sol e á chuva, pedem esmola a quem passa; não ha pão nem fogo em casa; e o credor brutal e rudo diz-lhe com ares mesquinhos:

— Se não quitar-me de tudo, mando-lhe á porta os meirinhos!...

Nicota aproveita a vasa de fazer um beneficio. Perde de certo o presente, mas é doce o sacrificio quando a alma fica contente.

E diz:

— Papá, eu prefiro que o senhor me dê dinheiro. E' para dal-o em meu nome á viuva do ferreiro, p'ra que a pobre mate a fome!

FRICINAL VASSICO.

HORROR!

O bom piano, no estrado,
A voz sonóra realça,
Pois nem siquer uma falsa
Nota sahe do seu teclado.

Um sujeitinho aprumado
Como um raminho de salsa,
— Vamos dançar esta walsa?
Diz a um par assentado.

A' dar-lhe o braço ella hesita
N'uma recusa catita
De quem vexado se julga.

Sabem porque? No pescoço,
Muito á vontade, do moço,
Tambem walsava uma pulga!

D. CEZAR DE BAZAN.

INCIDENTE

I

Ella era bonita como o cometa que ha tempos nos servia de alvo; tinha a voz semelhante a da araponga que o Frugoni conserva engaiolada afim de lhe servir de despertador. Quando andava notava-se que o hombro esquerdo descia mais que o direito. Quanto á cintura Fornarina não teve assim... tamanha!

Elle, no tocante á formosura, podia egualar-se ao Carrijo; e que bigodes! o *Major* ao seu lado mordia-se de inveja; e o nariz? não se podia dizer que o Horta estivesse na ponta! walsava quasi tão correctamente como o Pontes!

II

Viram-se, amaram-se e casaram-se.

Que felicidade a d'elles, que eram orphãos de mãi: — Não tinham sogra!...

Foram passar a lua de mel na Praia Formosa.

III

Um mez depois do casorio, Polycarpo levava a sua idolatrada esposa á passeio: O lugar escolhido foi a rua do Ouvidor. Elle todo *aplomb (pardon, monsieur docteur* Castro Lopes), fazia soar na calçada os tacões das botinas, que lhe haviam custado quinze *lonas*. Ella, toda arisca, parecia uma jurity engaiolada ha poucos dias.

Um bilontra do *Londres*, ao ver aquelle importante par, não poude conter o riso; desprega uma desdenhosa gargalhada no focinho de Polycarpo dizendo:

— Oh! que par de galhetas!

Polycarpo, enfurecido, avança para o bilontra que teve a precaução de esperal-o com o aguçado Petropolis. — Polycarpo levou as mãos á barriga e dando um gemido cahio redondamente no chão. Nem uma viva alma soccorreu o misero, que gemia, urrava, berrava, gesticulava e esperneava.

Felizmente a policia teve mão ao sarilho e o bilontra, raspou-se dizendo:

— Commigo é nove!

E os pobres noivos ainda tiveram que alongar até a rua do Lavradio o seu delicioso passeio, para explicações do facto.

IV

No bond, durante a viagem, Polycarpo reparou que os passageiros mais

proximos, depois de aspirarem o ambiente, levavam o lenço ao nariz...

Ao chegarem, finalmente, em casa, a Candinha disse-lhe meio risonha:

— Meu benzinho, vae mudar a tua roupa...

D. Cezar de Bazan.

DESCRENÇAS

A A. PERES JUNIOR

Gosto de ver-te, ó céo! ennegrecido
Pelas nuvens espessas, revoltosas,
Como se um campo fôras de renhido
Combate atroz de sanhas tumultuosas.

E nas luctas, o seio então ferido
D'essa extranha phalange, copiosas
Lagrimas vertes, n'um gemer sentido,
Banhando o sólo e as plantas sequiosas.

Tambem as nuvens negras da tristeza
Me invadem a alma d'um martyrio presa,
Onde não brilha um raio de bonança;

As lagrimas amargas do meu pranto,
Não fazem no vergel da vida, a um canto,
Desabrochar siquer uma esperança!

Augusto Villela.

FIRMEZA

Como era magestosa essa singela violeta, pendente de um galho torcido, fatigado talvez de supportar tão precioso fardo! Que cuidadoso trato merecia esse arbustosinho, tão só, cercado de bastas gramas, de dia para dia mais brilhantes, mais viçosas!

A' noite, quando a lua espalhava seus ternos lampejos sobre esse mysterioso solar, quem fixasse demoradamente esse recantosinho, n'elle perceberia qualquer cousa de fantastico.

Ao lado, existia um pequeno banco, sobre o qual, a essa hora, via-se um mancebo elegante, trajando rigoroso luto, que nunca desviava os olhos da violeta gracil, que parecia avivar-lhe penosas recordações. E, n'esse silencio sublime para os que soffrem, contava os instantes mais venturosos de seu triste viver...

Leonel, assim se chamava o moço, amára com delirio, mas com esse amor estremecido que nos nasce d'alma, uma gentil donzella, um ente angelico, que Deus não permittira estar muito tempo entre os infelizes mortaes.

Vendo desapparecer d'este mundo aquella que constituia a sua felicidade inteira, difficil lhe fôra resistir a tão rude golpe, mas foi-lhe necessario resignar-se.

No sitio em que fôra sepultada Olympia, sua idolatrada noiva, plantára um pé de violetas, jurando ahi comparecer todas as noites, afim de prestar o seu tributo de saudade.

. . . . . .

Eis ahi porque merecia tão cuidadoso trato essa singela violeta, pendente d'um galho torcido, fatigado talvez de supportar tão precioso fardo.

Enéas Mauro.

CORREIO

Recebemos: *O Bastidor*, *O Bandolim*, *Revista Sul-Americana*, *A Perola*, *O Sexo Feminino*, *O Tymbira*, *A Sensitiva*, *A Lucta* e *O Leque*.

O Leque fingindo-se um pouquito sentido com a nossa recriminação, desculpa-se de não nos ter visitado a penultima vez que sahio á rua, dizendo ser incapaz de tal commetter e conclue por declarar-nos com toda a ingenuidade, que se não chegou até á nossa casa foi por ter ficado, *talvez*, seduzido por alguns *ojos creoulos!*...

Se não fosse o amavel collega ter principiado por nos chamar — *queridinha* — era caso de ficarmos arrufados por um mez. Creia porém, *O Leque*, que *A Luva*, continuará a entreter a sua amizade, apezar dessa setta venenosa que com lancinante crueldade cravou em nosso pudibundo coração.

Chiquinho.

ESBOÇOS A LAPIS

IX

LUIZ FRUGONI

Entra o Frugoni d'esta vez p'ra a scena,
Que grande pena faz-me tal espeto!...
Fraca figura, e de um viver cançado,
Sempre ensacado n'um casaco preto!...

Barba jámais! pois nem siquer um fio
Orna-lhe o esguio rosto apipocado!
Julga-se bello! mas assim não logra
Nenhuma sogra, não senhor, coitado!

Ergue-lhe o todo pequenino e feio
Um devaneio, que lhe augmenta o vulto.
Se alguem, por troça, a polidez lhe agita,
Altivo grita, repellindo o insulto!

Gosta o Frugoni de piscar um olho,
Tendo por molho a cortezia fina;
E então suspira, e, quando vai sahindo,
Diz mesmo rindo: — Voltarei, menina.

Se n'uma festa o nosso heroe se pilha,
Dança a quadrilha com furor sincero.
Em seus negocios afugenta as fézes,
E fica ás vezes por demais severo.

Nunca a sua alma se tormou fingida,
E d'esta vida fez jámais mysterio;
Apezar d'isso é inspector bregeiro
Do *dez primeiro* quarteirão do imperio.

Sempre no mundo cavalheiro honrado,
Como um soldado que a bandeira cobre,
Guarda no peito, fervorosamente,
O mais ardente coração de nobre!

D. Cezar de Bazan.

CONGRESSO BRAZILEIRO

PROGRAMMA DO CONCERTO

1 F. DOPPLER.—*Nocturno*, quarteto para flauta, violino, violoncello e piano, pelos Srs. Motta Mello, J. Boisson, Paulo Carneiro e Alfredo Lebreton.
2 PALLONI.—*Noi ci amavamo tanto*, aria para soprano, pela Exm. Sra. D. Elisa Boisson.
3 J. RAFF.—*Polka de la Reine*, caprice, para piano, pela Exma. Sra. D. Adelia Teixeira.
4 Solo de violoncello, pelo Sr. Paulo Carneiro.
5 H. MESQUITA.— *Serenata*, para canto, pelo Sr. Pedro Cunhã.
6 POPP.— *5º Concerto*, para flauta, pelo Sr. Motta Mello.
7 CH. DE BERIOT.— *7º Concerto*, andante e final, para violino, pelo Sr. J. Boisson.
8 L. MILILOTTI.—*La Notte*, dueto para meio-soprano e tenor, pela Exma. Sra. D. Elisa Boisson e Sr. Pedro Cunha.

A Exma. Sra. D. Maria Elisa de Andrade e o Sr. Alfredo Lebreton prestam-se, obsequiosa e gentilmente, a fazer os acompanhamentos ao piano.

O Director do Concerto,

Primeiro-Tenente A. G. Veiga.

AVISO.—A partida de Novembro terá lugar no dia 9.

Imprensa H. Lombaerts & Comp.